

SOCIEDADE DE ENSINO AMADEUS
FACULDADE AMADEUS
CURSO DE PEDAGOGIA

DANIELLA ARAUJO DE JESUS

**“MODOS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS DE DOIS ANOS NAS
PRÁTICAS EDUCATIVAS DE SUA PROFESSORA NA CRECHE”.**

ARACAJU

2015

DANIELLA ARAUJO DE JESUS

**“MODOS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS DE DOIS ANOS NAS
PRÁTICAS EDUCATIVAS DE SUA PROFESSORA NA CRECHE”**

Trabalho de pré-requisito para conclusão
do curso de Pedagogia Licenciatura da
Faculdade AMADEUS,

ORIENTADORA: Profa. Carla Daniela
Kohn.

ARACAJU

2015

J58m JESUS, Daniella Araujo de
Modos de participação social de crianças de dois anos nas
Práticas educativas de sua professora na creche / Daniella
Araujo de Jesus. – Aracaju, 2015.

27f.

Orientador: Prof.^a Msc. Carla Daniela Kohn.

TCC (Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia) –
Faculdade Fama, 2015.

1. Pedagogia 2. Práticas educativas 3. Educação infantil

MODOS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS DE DOIS ANOS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE SUA PROFESSORA NA CRECHE¹

Daniela Araujo de Jesus²
Carla Daniela Kohn³

RESUMO

Procura-se por meio deste, elucidar os resultados obtidos durante esta pesquisa, com foco no segundo período de seu andamento, etapa de conclusão da mesma. Em relação à base teórica, nos apoiamos em referenciais da Sociologia da Infância, cujo reconhecimento das crianças como “atores sociais” é validado em inúmeros escritos. O tema central, norteador, consiste em analisar os modos de participação social de crianças de dois anos nas práticas educativas de sua professora numa creche da cidade de Aracaju/SE, tendo como objetivo geral examinar as estratégias sociais que a criança utiliza para participar das atividades educativas propostas pelas suas professoras e formular indicadores que orientem a organização de práticas educativas ajustadas aos interesses e habilidades sociocomunicativas das crianças. A análise dos dados foi feita a partir da etnografia, com observação participante, registros escritos, em forma de diários e videograções. Constatou-se que é preciso repensar a participação social da criança nas práticas cotidianas de modo a garantir que as manifestações infantis tenham lugar privilegiado no planejamento das atividades, das brincadeiras, na organização dos espaços, dos tempos, dos grupos.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Infantil, Práticas educativas e Relações entre pares.

ABSTRACT

It seeks hereby clarify the results obtained during this research, focusing in the second period of its progress, stage of completion of the same. Regarding the theoretical basis, we rely on references of the sociology of childhood, whose recognition of children as "social actors" is validated in numerous writings. The central theme, guiding, is to examine the ways of social participation of children two years in the educational practices of a teacher in a kindergarten in the city of Aracaju / SE, with the overall objective to examine the social strategies that children use to participate in activities educational proposals for its teachers and formulate indicators to guide the organization of educational practices adjusted to the interests and abilities of children sociocomunicativas. Data analysis was made from the ethnography with participant observation, written records, in the form of diaries and video recordings. It was found that it is necessary to rethink the social participation of children in daily practices to ensure that the children's

¹ Trabalho apresentado como requisito para Conclusão do Curso de Pedagogia.

² Graduanda do curso de pedagogia da Faculdade Amadeus – e-mail: danielatnemip@hotmail.com

³ orientadora do curso de pedagogia da Faculdade Amadeus-e-mail: carlakohn@infonet.com.br

demonstrations have privileged place in the planning of activities, games, organization of space, of time, groups.

KEYWORDS

Educational practices, peer relations, Early Childhood Education.

1 INTRODUÇÃO

A Sociologia da infância, área de estudos sobre as crianças e suas infâncias, é a base teórica que sustenta esse trabalho. A escolha deve-se a luta da mesma para que as crianças sejam reconhecidas como atores sociais, capazes de, junto com adultos e iguais, atuarem nos contextos sociais nos quais participam e se desenvolvem (FERREIRA, 2002; CORSARO 2002, 2004; BORBA, 2005; SARMENTO, 2008; VASCONCELLOS e SARMENTO, 2007; MÜLLER, 2010, dentre outros).

Diante do exposto, é na investigação da criança em interação social no contexto da Educação Infantil que esse estudo está direcionado, tendo como orientação a concepção de que a criança não é um mero ser passivo na relação com o outro, pois, ela cria vínculos afetivos e explora modos diferentes de comunicação, de socialização e também elabora diferentes respostas às manifestações do outro para consigo, mesmo sem ter a linguagem oral desenvolvida (RAMOS, 2010).

Dentro desse contexto questionou-se: Será que existe preparação/organização dos educadores para promover práticas educativas que possibilitem o desenvolvimento das crianças na creche?

Será que existem interações entre as crianças que possibilitem construir saberes?

Assim, esse trabalho junta-se ao esforço de consolidação de uma Pedagogia da Infância no Brasil, um campo de conhecimento em construção, que tem como fundamento o reconhecimento das especificidades da educação infantil, cujo eixo central das discussões procura a inserção da criança na organização das práticas educativas que lhes são propostas pelos adultos.

Com a observação, através da pesquisa etnográfica, nós, pesquisadores, no exercício de entender o agir das crianças, validamos a cada novo ato, orquestrado por elas, suas potencialidades sociais. Sendo assim, o reconhecimento dessas potencialidades é responsável por provocar impactos nos modos de realização de pesquisas com crianças, levando em conta o alto grau de protagonismo das crianças que foi reconhecido recentemente.

É com base nesses princípios que a presente investigação foi desenvolvida, pois objetivamos rastrear, respeitar e compreender o comportamento social das crianças em situações cotidianas da educação infantil. Nesse sentido, investimos esforços para a construção de um olhar atento e cuidadoso de pesquisa, revelador do que as crianças têm para mostrar sobre suas competências sociais na instituição educativa onde frequenta.

O foco principal desta pesquisa foi o de examinar as estratégias sociais que as crianças de dois anos de uma creche pública na cidade de Aracaju/SE utilizaram para participar das atividades educativas propostas pelas suas professoras e formular indicadores que orientem a organização de práticas educativas ajustadas aos interesses e habilidades sociocomunicativas das crianças. Buscamos entender as ações sociais das crianças, suas interações junto a adultos e iguais frente às atividades pensadas pelas suas educadoras no ambiente da educação infantil. Nesse sentido, concordamos com Ferreira (2002), Rocha (2008) e Ramos (2010) quando defendem a ideia de compreender o contexto da educação infantil como um espaço de reconhecimento das manifestações e das expressões criadoras das crianças na interação e no convívio com as outras crianças e suas educadoras.

Participaram da presente pesquisa 28 crianças de ambos os sexos, com idades entre 2 e 3 anos, integrantes do agrupamento etário denominado Berçário III e duas educadoras da turma.

Antes da coleta de dados ser efetivada, o presente estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe, recebendo autorização para o início dos trabalhos.

Para atender aos objetivos da investigação, anteriormente citados, os instrumentos de coleta utilizados foram: vídeo-gravações, observação participante e registros escritos, em forma de diários de campo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Entendendo quem são as crianças.

A Sociologia da Infância tem contribuído no aprofundamento e na compreensão de quem são as crianças e no suporte de metodologias para pesquisas com as mesmas, conforme já apresentamos. Essa contribuição é fundamental para a educação infantil contextualizar as práticas dirigidas para as crianças, levando em consideração um conjunto de saberes que as respeitem em suas potencialidades sociais e que incorporem as suas contribuições enquanto crianças (CORSARO, 2011; MÜLLER, 2010, SARMENTO, 2010).

A participação das crianças nas pesquisas vem ganhando centralidade, pautada em ações que as reconheçam como sujeitos sociais, sendo por isso de grande importância ouvi-la em seus interesses, necessidades e opiniões (CRUZ, 2008).

De acordo com SOARES, SARMENTO e TOMÁS (2004), considerar a participação das crianças na investigação é um passo decorrente da construção de uma disciplina das ciências sociais que procura “ouvir a voz das crianças”, isto é, que assume que as crianças são atores sociais plenos, competentes na formulação de interpretações sobre os seus mundos de vida e reveladores das realidades sociais onde se inserem. Na explicação do autor,

a investigação é assim considerada como um processo de participação social, no qual é fundamental considerar um equilíbrio mutuamente possível, de autonomia, cooperação e hierarquia, cooperação e hierarquia com e entre pessoas, sendo a tomada de decisão partilhada entre todos os parceiros do processo de investigação (Soares, Sarmento e Tomaz, 2004, p.8).

Ainda com relação à pesquisa com crianças, é importante que o pesquisador se atente para atitudes que busquem valorizar a voz e ação das crianças, permitindo que a criança expresse, de sua forma, se quer ou não participar da pesquisa, tendo em mãos uma diversidade de recursos

disponíveis para uma melhor compreensão da participação delas na investigação (CRUZ, 2008). E mais: o pesquisador precisa adentrar no mundo das crianças, procurando compreender suas necessidades, seus interesses e opiniões, mesmo na ausência da fala articulada (RAMOS, 2010).

Também se faz importante em pesquisa com crianças que as mesmas vejam a presença do pesquisador como uma pessoa que está ingressando no território delas, não para ensiná-las, mas para aprender com elas e o pesquisador também precisa buscar sempre uma maior aproximação com as crianças (CORSARO, 2009).

No âmbito da educação infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais atentam para o reconhecimento da criança como:

[...] centro do planejamento curricular, sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades, nos grupos e contextos culturais nos quais se insere (BRASIL, 2009, art., 4º).

Portanto, evidencia-se, desta maneira, a importância dada a esses sujeitos, cujo reconhecimento como protagonistas sociais mergulha no universo educacional, a partir de então, educadores comprometidos com esses ideais procuram fazer valer esse novo olhar destinado as crianças, encarando-as como sujeito histórico, portador e construtor de cultura, um ser social, que se desenvolve em contato com meio ao qual se insere, através de suas interações, sejam elas entre adultos ou iguais:

[...] se considerarmos uma criança ativa, exploradora e criadora de sentidos, é preciso pensar um espaço e um educador que deem apoio aos seus movimentos, que incentivem sua autoria e autonomia, que contribuam para a diversificação de suas possibilidades (GUIMARÃES, 2009, p. 94-95).

2.2 O Papel do Educador na Educação Infantil.

Diante do que foi exposto é evidente o fundamental papel do educador com o propósito de organizar o espaço da creche a fim de possibilitar mecanismos que desafiem as crianças envolvidas nesse contexto. Horn (2004) chama atenção para o “olhar de um educador atento”, esclarecendo que assim

é possível que ele (educador) tenha a sensibilidade necessária para encarar todas as partes contidas “em uma sala de aula”. A maneira que o ambiente da creche é organizado, como os móveis e materiais são distribuídos na sala, a forma que as crianças e adultos exploram tal espaço, os tipos de interação, revelam o caráter pedagógico defendido pelos adultos que estão a frente do respectivo trabalho:

Quando pensamos um espaço para a relação com as crianças é importante que possamos aliar as qualidades físicas (o que nele é importante ter – objetos para a construção, bonecos, papéis de diferentes tamanhos, fantasias etc.) com as qualidades imaginativas (como essas coisas vão convidar a inventar possibilidades, pesquisas, cenas, narrativas? Como, na relação com essas coisas, as crianças vão construir significados?) (GUIMARÃES, 2009,p. 96-97).

Ampliando o debate, cabe acrescentar que concordamos com Ferreira (2002), Rocha (2008) e Ramos (2010) quando defendem a ideia da necessidade de ampliar as possibilidades de se ouvir, ver e perceber as crianças na interação e no convívio com as outras crianças, compreendendo o contexto educativo como um espaço de reconhecimento das manifestações e das expressões criadoras delas.

2.3 Trabalhando a participação social das crianças de 2 anos

Através da participação social das crianças e suas interações pessoais e no meio que está inserida e sendo reconhecida como atores sociais trazem muitos benefícios como o desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo.

[...] Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação social com outras crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem.[...] (FELIPE,2001 p. 27).

Piaget e Vygotsky ainda reforça a ideia de que a capacidade de conhecer e aprender são uma construção entre os sujeitos e o meio que estão inseridos capazes de junto com os adultos e iguais atuarem nos contextos sociais.

Os educadores tem um papel muito importante que é compreender o contexto da educação infantil como espaço de reconhecimento das manifestações e das expressões criadoras das crianças na interação e convívio com os seus iguais. Dessa forma o professor educador deve planejar e proporcionar atividades que sejam ricas, para aprimorar a capacidade e o prazer em aprender e a autoconfiança na mesma, pois irá ajuda-la a ter uma imagem favorável de si mesma.

3 APROPRIAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 METODOLOGIA

Elegemos a etnografia como opção de pesquisa por caracterizar-se como uma descrição densa dos registros dos fatos, que necessita da presença constante do investigador no campo social em estudo e o contato direto com os atores sociais e o contexto, tal como explica Geertz (1989).

Nesse sentido, a etnografia tem sido apresentada por vários estudiosos como subsídio para investigações em que se busca compreender as ações e as experiências culturais que alguns grupos utilizam para produzir e interpretar as suas atividades cotidianas nos contextos de interação social. De acordo com Geertz (1989), a descrição por parte do pesquisador exige a apreensão dos significados culturais que os sujeitos possuem, no registro dos dados e nos resultados da análise.

Corsaro (2009) amplia o argumento defendido quando explica que a etnografia possibilita a imersão do pesquisador nas formas de vida do grupo, buscando compreender suas ações e os conhecimentos culturais utilizados pelos sujeitos investigados. Nas palavras de Sarmiento (2003, p. 153): busca-se “apreender a vida, tal como ela é conduzida, simbolizada e interpretada pelos atores sociais nos seus contextos de ação.”

3.1 SITUANDO O CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO

O campo de pesquisa escolhido para o desenvolvimento deste trabalho foi a Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Dr. Fernando Guedes. Esta instituição localiza-se no bairro América, na zona oeste do município de Aracaju/SE. Foi inaugurada no ano de 2009 e atende crianças, com faixa etária variante entre 0 a 4 anos de idades, economicamente desfavorecidas, moradoras das áreas próximas à instituição.

O espaço físico do local é amplo. É composto por três salas denominadas de berçários, outras duas que são os maternais, todas estas possuem banheiro. Há também os banheiros individuais, feminino e masculino, além de parquinho, cozinha, refeitório, lactário, lavanderia, secretaria e sala da coordenação. A instituição atende as crianças em horário integral, funcionando das 07h00min horas às 18h00min.

Ao chegar à escola de educação infantil, as crianças tomam café da manhã e vão para sala onde permanecem a maior parte do seu tempo. No horário próximo ao almoço, as crianças tomam banho e depois almoçam. À tarde, dormem e quando acordam esperam os pais para irem para a casa. Observamos que o horário destinado ao banho é um momento de diversão para algumas e para outras é uma hora desagradável, demonstradas através de choros.

3.2 INTEGRANTES DO ESTUDO

Participam da presente pesquisa 28 crianças de ambos os sexos, com idades entre 2 e 3 anos, integrantes do agrupamento etário denominado Berçário III e duas educadoras da turma.

3.3 OS INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

Antes da coleta de dados ser efetivada, o presente estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe, recebendo autorização para o início dos trabalhos (ver anexo A).

Em seguida, foi realizada uma reunião com as famílias das crianças, educadoras e coordenação pedagógica da unidade educativa, explicando-lhes os objetivos e a metodologia do estudo a ser desenvolvida, ocasião em que também solicitamos a autorização para o trabalho proposto. Ressaltamos que a participação das crianças foi autorizada por seus pais ou responsáveis, sendo assegurada também a interrupção da participação caso desejassem. Foi autorizado o uso das imagens para fins exclusivamente acadêmico-científicos (ver protocolo no anexo B).

Desde os primeiros contatos sociais com as crianças e sua professora, buscamos empreender, enquanto metodologia de pesquisa, uma postura socialmente cuidadosa de entrada gradual nas rotinas dos sujeitos investigados e ir participando das atividades em que estavam envolvidas as crianças. Dessa forma, os primeiros dias de permanência na escola resumiram-se à observação e busca de proximidade social com os sujeitos.

Para atender aos objetivos da investigação, os instrumentos de coleta utilizados foram: videograções, observação participante e registros escritos, em forma de diários de campo.

As videograções aconteceram no momento em que as crianças estavam interagindo com a educadora e seus iguais. As filmagens sucederam de forma tranquila, sem intervenções da pesquisadora, procurando, assim, estratégias para que as crianças ficassem à vontade durante o desenrolar das atividades.

Para captura e análise desses dados, as filmagens foram observadas várias vezes, ora com a imagem paralisada, ora voltando-se nas cenas que pareciam conter detalhes reveladores do campo investigado. Para facilitar o trânsito de informações entre as diferentes cenas videogravadas, as filmagens foram fotografadas segundo a segundo e agrupadas em sequências interativas escolhidas para a descrição. A configuração interacional do grupo recortada e descrita foi denominada de episódio (PEDROSA; CARVALHO, 2005). Os episódios foram agrupados em etapas, de acordo com os espaços em que as crianças estavam interagindo, sendo eles: refeitório, berçário/maternal e o espaço recreativo, descrito pelas educadoras como local destinado a realização de atividades pedagógicas.

Para apresentação dos resultados, agrupamos cinco episódios, alçados do conjunto de dados produzidos.

No percurso de produção de dados, foram realizadas também conversas informais com as crianças como recursos de apreensão/compreensão de suas ações e relações sociais. As falas das crianças, suas significações, seus modos próprios de agir durante as práticas educativas instituídas foram eleitos como os conteúdos principais da observação.

Os dados foram coletados no período de setembro de 2011 a junho de 2012, no horário entre 6h40min às 10h30min, com intervalo de oito dias entre cada visita.

Na sala, as educadoras procuravam fixar a atenção das crianças em brinquedos de encaixar e vídeos infantis. Porém, notamos que tais atividades mostravam-se desestimulantes para as crianças. Através de conversas informais com as crianças, percebemos interesses pelos animais e por conta disso planejamos uma Oficina de pinturas de animais com estratégia metodológica provocadora de maiores aproximações com as crianças para conhecê-las e também buscando atender aos seus interesses.

No desenvolvimento da atividade, as educadoras determinaram que as crianças fossem separadas por gênero. Assim, formaram-se dois grupos, um de meninos e outro de meninas, que foram levados ao refeitório, local onde seria realizada a atividade. A atividade foi realizada da seguinte forma: inicialmente a pesquisadora mostrava os animais que estavam desenhados e pedia que as crianças falassem o nome deles. Depois, as crianças escolhiam o animal para colorir, utilizando os lápis que foram disponibilizados pelas pesquisadoras.

Durante o decorrer do estudo, foi feito um levantamento bibliográfico sobre o tema da investigação para auxiliar na construção do embasamento teórico e articulação com os dados empíricos coletados. Por exemplo, através das leituras e análise de capítulos do livro *Infância Perspectiva: teoria e prática na pesquisa com crianças* e do artigo *Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologia participativa dos mundos sociais das crianças* encontrou subsídios para organizar a entrada no campo de pesquisa com as

crianças e também conhecimentos de como poderia ser a realização do processo familiarização das pesquisadoras com as crianças do berçário III.

3.4 RESULTADOS – OS EPISÓDIOS INTERATIVOS

Ao adentrarmos no contexto socioeducativo do Berçário III, percebemos uma recepção socialmente acolhedora das crianças que reagiram de forma afetuosamente envolvente quanto à presença das pesquisadoras, demonstrando carinho por meio de abraços, beijos e chamados para brincar.

Alguns desses sinais de acolhimento social podem ser demonstrados através do comportamento de uma criança, alçado do diário campo e expressos a seguir: Gustavo (nome fictício) trazia algumas pecinhas de empilhar e dizia para uma das pesquisadoras: “tia, coloca aqui pra mim?”, mostrando interesses em compartilhar a brincadeira com a pesquisadora.

Na busca de proximidades com as crianças, procuramos seguir a perspectiva de Corsaro (2009) que propõe o que denomina de adulto atípico, posição a ser assumida no campo de pesquisa junto a contextos educativos infantis, uma vez que, para o autor, a melhor maneira para tornar-se parte dos universos das crianças é “não agir como um adulto típico”, já que são “ativos e controladores em sua interação com as crianças”, adota a estratégia de entrada no campo que chamou “reativa”, posicionando-se nas áreas dominadas pelas crianças e esperando que elas reajam à sua presença e sejam “aceitos como um adulto diferente ou atípico – uma espécie de criança grande.”.

Conforme observamos, a rotina da sala investigada está centrada basicamente em cuidados físicos e necessidades biológicas das crianças, tais como banho, sono, alimentação e higiene. Reconhecemos a importância dos mesmos, mas esclarecemos que precisa haver uma articulação entre cuidar e educar na creche, em conformidade com a finalidade da educação infantil proposta nas Atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil (BRASIL, 2009).

Nesse sentido, o ponto principal é estabelecer mecanismos que favoreçam o desenvolvimento global das crianças e para isso se faz necessário

que as educadoras sejam capacitadas para colocar em prática a finalidade da educação infantil, qual seja, que as crianças possam se desenvolver em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Ressaltamos ainda que esse processo de desenvolvimento só se torna possível através da interação de crianças e iguais e de adultos e crianças.

Na observação da rotina investigada, chamou atenção uma situação de privação de contatos sociais que as educadoras empreendiam com relação a uma das crianças da sala. Durante os dias de observação, notamos que Alanna (nome fictício) permanecia a maior parte do tempo dentro de um dos berços. As educadoras alegavam que ela não poderia sair dali porque batia e mordida as outras crianças. Tal justificativa circunscreve posturas de exclusão ao invés de inclusão e preconceito com relação Alanna que possui problemas mentais.

Durante as atividades da Oficina de pinturas, a separação de crianças por sexo, propostas pelas educadoras, limitou bastante as oportunidades interativas das crianças entre si e entre as crianças e pesquisadora. O grupo se dispersou e demonstrou interesse em brincar com balões coloridos que estavam numa das paredes laterais do refeitório.

Foi possível notar que as crianças, em determinadas atividades propostas pelas educadoras, demonstravam um profundo interesse no início do trabalho, mas quando não queriam mais participar, era notório o desinteresse através de suas ações: jogavam os brinquedos no chão e as massinhas de modelar, amassavam as folhas onde elas desenhavam e começavam os desentendimentos entre os colegas da sala.

Observando as diferentes cenas videogravadas realizadas, percebemos nitidamente que as crianças possuem uma capacidade enorme de reinventar o mundo a sua volta. Construtoras de culturas, elas criam e reinventam suas brincadeiras. Atitudes como estas são fáceis de perceber no cotidiano pedagógico quando o adulto dedica um período de tempo para analisar as brincadeiras infantis, conforme apresentaremos.

EPISÓDIO 1: Reinventando brincadeiras

DATA DA FILMAGEM: 31/05/2012

DESCRIÇÃO: A educadora está com as crianças em um local intitulado “área de lazer” que é um ambiente grande e arejado. O mesmo possui apenas dois cavalinhos de brinquedo que são disputados por 28 crianças. Algumas crianças se aproximam dos brinquedos, tocam, puxam, sobem em cima, enquanto outras correm de um lado para o outro. A educadora procura não interferir, deixando as crianças à vontade para inventarem e reinventarem suas brincadeiras no local.



Figuras 01; 02 e 03. Crianças brincando na “área de lazer”.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Conforme observamos, as crianças gostam de ser desafiadas a todo o momento. Por não possuírem brinquedos disponíveis, elas inventaram e reinventaram suas próprias brincadeiras com os materiais e recursos que estavam ao seu alcance, a exemplo de brincar de correr pela sala, fugindo de um suposto monstro, conforme mostra a sequência de fotos acima.

A educadora da sala mostrou-se como mediadora, sem atrapalhar as construções do grupo infantil, favorecendo o desenvolvimento da autonomia das crianças.

Ressaltamos que quando a atividade proposta pela educadora acontecia dentro da sala, o controle das crianças por parte das educadoras era maior, mas quando era feita no refeitório, as crianças começavam a correr de um lado para o outro, entravam embaixo da mesa, tocavam a parede e o chão, maneiras essas de explorarem o ambiente. O episódio seguinte dá visibilidade ao nosso argumento.

EPISÓDIO 2: Embaixo da mesa.

DATA DA FILMAGEM: 31/05/2012

DESCRIÇÃO: Enquanto as educadoras estão entretidas fazendo atividade com as outras crianças, Mario (2 anos e 11 meses) e Alisson (2 anos e seis meses) entram embaixo da mesa. Alisson brinca de levantar e baixar as suas pernas. Na sequência de movimentos, ele apoia as duas pernas na base da mesa, depois levanta o bumbum ainda com as pernas apoiadas no móvel. Mario observa a pesquisadora.



**Figuras 04; 05 e 06. Crianças embaixo da mesa.
Fonte: Acervo pessoal.**

Tal como episódio anterior, as crianças integrantes desta segunda situação descrita, utilizam os diferentes espaços e mobiliário da sala para criar brincadeiras, como foi mostrado pelo Alisson que utilizou a mesa como esconderijo e brincou com seu corpo, utilizando movimentos de suas pernas tendo a mesa como suporte de apoio para suas motivações lúdicas.

Os dois próximos episódios retratam a participação social das crianças em atividades propostas pelas suas educadoras.

EPISÓDIO 3: Pintando desenhos

DATA DA FILMAGEM: 04/06/2012

DESCRIÇÃO: A educadora começa a explicar a atividade: “aqui tem um menino e uma menina, vocês vão cobrir os olhos, nariz e a boca deles.” Depois de explicar, ela começou a fazer perguntas para as crianças, tais como: “o menino tem nariz?” As crianças respondiam: “têm”. A educadora novamente perguntava: “e a menina também têm?”. Outra vez as crianças respondiam: “têm”. Em seguida, as crianças, com a ajuda das educadoras, pintavam o nariz do rosto que estava desenhado no papel. Logo após, apontando para a sua boca, a educadora aponta para a boca da imagem e pergunta: “o menino tem boca?” algumas crianças dizem “sim”, enquanto que outras dizem “não” e a educadora manda as crianças pintar a boca da figura.

Conforme apresentamos na descrição, as crianças participam socialmente engajadas na atividade, respondendo as perguntas que lhes foram dirigidas pela educadora. A fala foi a forma que as crianças usaram para demonstrar sua adesão social e a orientação da atenção para o que estava sendo feito pela educadora também indica participação das crianças na proposta.

No próximo episódio as crianças recriam a proposta oferecida pela educadora.

EPISÓDIO 4: Desenhando a mão da colega

DATA DA FILMAGEM: 11/04/2012

DESCRIÇÃO: A educadora do M1 divide a sala em dois grupos: ao primeiro grupo é dada uma folha em branco onde eles podem desenhar o eu quiserem. A educadora desenhando no papel de Saulo a mão dele, as outras crianças ficaram observando, depois que a mesma terminou, Henrique (2 anos e 6 meses) começou a desenhar a mão da coleguinha Júlia (Júlia 2 anos e 10 meses).



**Figuras 07; 08 e 09. Henrique desenha a mão de Julia.
Fonte: Acervo da pesquisadora.**

Depois que desenhando ele deu um grito de alegria, como se tivesse feliz por ter conseguido fazer o desenho da mão da amiga. Logo em seguida, Henrique começa a desenhar a sua mão na folha de papel.



Figuras 10; 11; 12; 13; 14; 15 e 16. Henrique tenta desenhar sua mão.
Fonte: Acervo da pesquisadora

Henrique tenta desenhar sua mão na folha que lhe fora dada pela educadora. Entretanto, o garoto é interrompido pela educadora que sugere que ele mude a ação, sugerindo: “desenhe um gatinho”. Henrique a pergunta: “um gatinho, é?” E a educadora lhe responde: “sim, um gatinho!”

Logo após, a educadora manda que as crianças desenhe uma maçã. Henrique lhe pergunta: “uma maçã tia?”. A educadora responde, cantando e desenhando na folha de Jean: “é pra desenhar assim, Jean, uma bolinha, um galhinho” e depois diz para o grupo: “é pra fazer uma maçã”. Depois, a educadora pede para o grupo desenhar uma casinha. Henrique lhe indaga: “uma casinha, tia?” Ela responde para o garoto: “é, a casinha que você mora, a sua casinha”. Henrique lhe diz: “mamãe...” e antes de terminar a sua fala, a educadora lhe responde: “é, a casinha de mãezinha... faça!!!”

Mais uma vez, tal como no episódio descrito anteriormente, as crianças participam socialmente engajadas na atividade, respondendo as perguntas que lhes foram dirigidas pela educadora e seguindo as suas orientações quanto ao que desenhar. A fala foi a forma que as crianças usaram para demonstrar sua adesão social e a orientação da atenção para o que estava sendo proposto pela educadora também indica a participação da criança na proposta.

No próximo episódio a ser apresentado, a educadora incentiva que as crianças realizem algumas ações, partindo do que as mesmas já sabem. Vejamos.

EPISÓDIO 5: “Massinha dá dor de barriga”

DATA DA FILMAGEM: 24/04/2012

DESCRIÇÃO: A educadora divide o grupo de crianças em dois e distribui massa de modelar para toda a turma. Quando as crianças começam a brincar com a massinha, Júlia (2 anos e 10 meses) pega um pouco do produto e o coloca na boca. A educadora diz para a gaota: “Júlia, eu não avisei que não era pra colocar a massinha na boca, Júlia?.. Dá dor de barriga, viu?” Júlia, ao ouvir a fala da educadora, coloca um pouco mais de massinha de modelar dentro da sua boca e olha para a educadora. Ana Paula (2 anos 6 meses) olha para Júlia e depois coloca a massinha na boca, também. Júlia observa Ana Paula e em seguida coloca a massinha de novo dentro de sua boca!

Como de faz notar, as crianças usam a imaginação diante do proposto pela educadora, explorando ativamente os materiais que lhes são oferecidos. Percebemos que as duas crianças participaram das ações dirigidas pelas educadoras de um jeito diferente do proposto pelo adulto, na medida em que recriaram a proposta de modelar e passaram a ingerir a massa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autonomia e participação social da criança se desvela nas ocasiões em que o adulto educador desenvolveu um olhar sensível e acolhedor dos diferentes interesses do grupo infantil, flexibilizando suas condutas e práticas educativas, sem perder de foco sua intencionalidade pedagógica.

Com base nos elementos empíricos apreendidos, o desenvolvimento de um trabalho pedagógico em que os meninos e meninas estejam em foco permitirá conhecer os interesses das crianças como elementos fundantes da organização didática. É preciso, então, repensar a participação social da criança nas práticas cotidianas da Educação Infantil de modo a garantir que as manifestações infantis tenham lugar privilegiado no planejamento das atividades, das brincadeiras, na organização dos espaços, dos tempos, dos grupos.

Diante do observado, ficou perceptível que as crianças são ativas em suas relações sociais, confirmando a ideia defendida por autores que especulam que as crianças não são apenas depósitos nos quais os adultos despejam seus conhecimentos.

Conforme demonstrado, as crianças não se mostraram alheias à presença das pesquisadoras, ao contrário, reagiram ativamente diante delas, apresentando atitudes interativas de aceitação social.

Dentro da rotina pedagógica observada, pudemos verificar que as práticas cotidianas com as crianças estão centradas, prioritariamente, em atividades de atendimento às necessidades biológicas das crianças, tais como, sono, higiene e alimentação.

Observamos que existe uma construção no desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo possibilitando as crianças de juntos com os adultos e iguais atuarem nos contextos sociais como atores.

Constatou-se que é preciso repensar a participação social da criança nas práticas cotidianas de modo a garantir que as manifestações infantis tenham lugar privilegiado no planejamento das atividades, das brincadeiras, na organização dos espaços, dos tempos, dos grupos de forma impulsionadora de seu desenvolvimento sociocomunicativo.

Os resultados apontam também para a importância da educadora, nas suas relações com as crianças, mostrarem-se atentas as necessidades e motivações do grupo, promovendo a configuração de um espaço social acolhedor para o desenvolvimento das atividades com as crianças, gerador de um clima social envolvente e convidativo à efetiva participação das crianças nas atividades que lhes forem dirigidas e que precisam ser planejadas pelas educadoras.

REFERÊNCIAS

BORBA, Ângela M. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: um estudo com crianças de 4-6 anos em uma instituição pública de educação.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil.** CNE/CEB. Parecer n.20/2009. Brasília. DF: 2009.

CORSARO, William. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas.** In: Educação & Sociedade. Dossiê Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. Campinas, vol 26, n.91, Mai/Ago, 2009.

CORSINO, Patrícia (org.) **Educação infantil: cotidiano e políticas.** Campinas, SP: Autores Associados, 2009. HORN, Maria da Graça Souza. A solidária parceria entre espaço e educador. In: Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CRUZ, Sílvia Helena V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.** São Paulo: Cortez, 2008. CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.) São Paulo: Cortez, 2008.

Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. In: Educação & Sociedade. Dossiê Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. Campinas, vol 26, n.91, Mai/Ago, 2005.

FELIPE, Jane, **Das pequenas violências diárias nas escolas infantis.** Coletâneas do PPGEDU, Porto Alegre, v.2, n.4p.85-93, jan./fev.1996.

FERREIRA, Maria M. Martinho. **A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos: as crianças como actores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no quotidiano de um Jardim de Infância. Dissertação** (Doutoramento em Ciências da Educação). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto. Porto, 2002.

GRAUE, Elizabeth; WASH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GUIMARÃES, Daniela. **A Educação infantil: espaços e experiências.** LEE, Nick. **Vozes das crianças, tomada de decisão e mudança.**

HORN, Maria da Graça S. **Sabores cores, sons aromas: a organização dos espaços na educação infantil.** Porto Alegre, 2004. MÜLLER, Fernanda (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições.** São Paulo: Cortez, 2010.

MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana M. A. **Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças.** In: **Teoria e prática na pesquisa com criança.** São Paulo: Cortez, 2009.

Participação social de crianças de 0 a 3 anos nas práticas educativas de professoras e suas interfaces com a organização pedagógica. Projeto de pesquisa para Estágio Probatório. Universidade Federal de Sergipe. 2011 (texto digitado).

PROUT, Alan e MÜLLER, Fernanda **Participação, políticas e as condições da infância em mudanças.** In: MÜLLER, Fernanda (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições.** São Paulo: Cortez, 2010.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes Ramos. **A criança em interação social no berçário da creche e suas interfaces com a organização do ambiente pedagógico.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **Por que ouvir as crianças? Algumas questões para o debate científico interdisciplinar.** In: CRUZ, Sílvia Helena Viera Cruz (Org.). **A criança fala: a escuta da criança em pesquisas.** São Paulo: Cortez, 2008.

SARMENTO, Jacinto M. e FERREIRA, Manuela. **Acção colectiva e agência nas culturas de pares infantis.** Antropologia de textos em sociologia da infância. Porto: ASA, 2004.

SARMENTO, Manuel; GOUVEIA, Maria Cristina Soares de (Org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais. Petrópolis.** Vozes, 2008.

SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina. **Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças.** Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal. p. 16-20, agosto, 2004.

Sociologia da Infância. Porto Alegre: Artmed, 2011.

VASCONCELLOS, Vera M. Ramos; SARMENTO, M. Jacinto. (orgs.). **Infância (in) visível.** Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

ANEXO A - PARECER FAVORÁVEL DO COMITÊ DE ÉTICA AO DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS
CAMPUS DA SAÚDE PROF. JOÃO CARDOSO NASCIMENTO JR
Rua Cláudio Batista S/N- Centro de Pesquisas Biomédicas - Bairro Sanatório
CEP: 49060-100 Aracaju -SE / Fone:(79) 2105-1805
E-mail: cephu@ufs.br

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o Protocolo de Pesquisa intitulado: **"PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PROFESSORAS E SUAS INTERFACES COM A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA"** – Nº CAAE –0211.0.107.000-11, sob orientação da pesquisadora **Prof. Dra. Tacyana Karla Gomes Ramos**, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe- CEP/UFS em reunião realizada dia **15/07/2011**.

Cabe ao pesquisador apresentar ao CEP/UFS os relatórios parciais e final sobre a pesquisa (Res. CNS 196/96).

Aracaju, 29 de julho de 2011.

Anita Herminia Oliveira Souza
Prof. Ms. Anita Herminia Oliveira Souza
Coordenadora do CEP/UFS

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DE PESQUISA (CRIANÇAS)

PROJETO: PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PROFESSORAS E SUAS INTERFACES COM A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTADORA RESPONSÁVEL: Profa. Dra. Tacyana Karla Gomes Ramos
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Sergipe/Departamento de Educação

Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa que iremos fazer na instituição onde ele(a) frequenta. A participação nesse estudo é muito importante para nós, mas você pode não permitir ou interromper a participação do(a) seu(sua) filho(a) na pesquisa no momento em que assim desejar.

A pesquisa será feita com os objetivos de examinar a participação social de crianças na emergência e compartilhamentos de significados com suas professoras e parceiros de idade na busca de indicadores que orientem a organização de práticas educativas ajustadas aos interesses e necessidades socioafetivas infantis.

Haverá filmagem das professoras e crianças, registrando-se as interações infantis com parceiros de idade ou com adultos durante as atividades pedagógicas desenvolvidas. As professoras irão examinar algumas das cenas filmadas junto com a pesquisadora na busca de indicadores que orientem a organização de práticas educativas ajustadas aos interesses e necessidades das crianças.

O desconforto para a criança poderá ser evidenciado no início das videograções. Seu(sua) filho(a) poderá “estranhar”

a presença da(s) pesquisadora(s) na sala e chorar. Esse risco de desconforto deverá ser minimizado com a visita da(s) pesquisadora(s) à instituição durante vários dias antes do início das filmagens para que as crianças possam se familiarizar com ela. Somente diante de uma sinalização de que as crianças estão a vontade (não demonstrando receio ou choro diante da câmara ou da(s) pesquisadora(s)) é que a coleta será iniciada.

Os resultados desta pesquisa poderão gerar informações que orientem e qualifiquem as práticas pedagógicas desenvolvidas com crianças de 0 a 3 anos. Além disso, a organização do ambiente educativo favorável ao desenvolvimento socioafetivo da criança, construído em conjunto com as professoras a partir da análise videogravada de suas práticas, nas ocasiões de estudo, possibilitará que estes profissionais planejem atividades e ações educacionais ajustadas às necessidades, interesses e motivações infantis e, também, gerando a melhoria da sua atuação pedagógica em razão da atualização de seus conhecimentos sobre o assunto.

Os autores irão apresentar ou publicar os resultados deste estudo em congressos científicos, em artigos, em revistas especializadas, contribuindo para ampliar os conhecimentos produzidos sobre a organização de práticas educativas com crianças de 0 a 3 anos, mas a identidade de seu (sua) filho (a) só irá aparecer, caso seja autorizada pelos pais ou responsáveis.

Gostaríamos de contar com a participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa.

CONTATO COM A PESQUISADORA RESPONSÁVEL:
fone – (79) 91653423. E-mail:
tacyanaramos@gmail.com Endereço: Departamento de
Educação da Universidade Federal de Sergipe. Cidade
Universitária Prof. Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze,
São Cristóvão.

Fone: 2105-6600. LOCAL EM QUE AS VIDEOGRAVAÇÕES
FICARÃO GUARDADAS EM DVD, SOB A
RESPONSABILIDADE DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL:

Departamento de Educação da Universidade Federal de
Sergipe. Cidade Universitária Prof. Aloísio de Campos, Jardim
Rosa Elze, São Cristóvão. Fone: 2105-6600.

IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

NOME DA CRIANÇA:

() Sim. Aceito que meu(minha) filho(filha) seja filmado(a) para esse estudo.

() Permito a apresentação e/ou a publicação das imagens da criança nos
resultados deste estudo.

Estando, assim, de acordo, assinam o presente termo de compromisso em
duas vias.

Pai, mãe ou responsável pela
criança Responsável pelo projeto

Testemunha 1

Testemunha 2

Aracaju, ____ de _____ de _____.